

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PSICOLOGIA PARA A ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA DO LITORAL NORTE GAÚCHO

Graziela Cucchiarelli Werba¹
Carolini Monteiro Schutz²

RESUMO

O presente artigo trata das Representações Sociais, que são teorias criadas pelo senso comum para explicar fenômenos antes desconhecidos, tornando assim o não familiar em familiar. Na pesquisa realizada para a construção deste artigo objetivamos descobrir quais Representações Sociais a área da saúde pública de duas cidades do litoral norte gaúcho têm da Psicologia enquanto ciência e profissão. A pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, com delineamento de Estudo de Caso. A coleta de dados foi feita através de três Grupos Focais, sendo dois com profissionais e um com estudantes de psicologia, estes considerados como especialistas na área. Dentre as várias categorias encontradas, optamos em trabalhar com as quatro categorias que mais se destacaram na análise dos Grupos Focais. Deste modo, encontramos: Neutro, Espelho, Ajuda e Mágico, como categorias associadas às Representações Sociais da Psicologia para a área da saúde no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Representações Sociais; Saúde Pública; Psicologia.

ABSTRACT

This article deals with Social Representations, which are theories created by common sense to explain previously unknown phenomena, thus making the unfamiliar one familiar. In the research carried out for the construction of this article we aim to find out which Social Representations the public health area of two cities of the north coast of the state have the Psychology as a science and profession. The research was carried out in a qualitative approach, with a case study design. The data collection was done through three Focus Groups, two with professionals and one with psychology students, who are considered experts in the area. Among the various categories found, we chose to work with the four categories that most stood out in the Focus Group analysis. In this way, we found: Neutral, Mirror, Help and Magician, as categories associated to the Social Representations of Psychology for the health area in the North Coast of Rio Grande do Sul.

Key words: Social Representations; Public Health; Psychology.

¹ ULBRA Torres. Pós doutora em Psicologia. Coordenadora e professora do curso de Psicologia da Ulbra Torres. Currículo Lattes disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3193536179508929>> Contato: grazielawerba@terra.com.br.

² ULBRA Torres. Discente do curso de Psicologia da Ulbra Torres. Currículo Lattes disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6214855795069656>> Contato: carolmschutz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Ao pesquisar as Representações Sociais (RS) da Psicologia, há muito que se pensar sobre sua história, desde que estava anexa a outras áreas do conhecimento, passando a se tornar ciência e chegando à forma atual. Sua trajetória histórica elucida sobre a construção de Representações de uma Psicologia destinada apenas ao estudo e tratamento de psicopatologias, mais especificamente ao tratamento da loucura e doença mental. Esta representação, bastante frequente no senso comum, terminou por fazer com que os profissionais da área psicológica e seus usuários carregassem estigmas que se mantêm até os dias atuais. Porém, estamos vivendo na era da informação e é possível enxergar um grande avanço nesse aspecto, visto que as teorias do senso comum já começam a se aproximar dos construtos científicos.

Uma pesquisa realizada em 1995, pelo curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, revelou que as pessoas sabem – mais do que o esperado, do que trata a psicologia, e respondem sem recorrer a ideias de que a psicologia é uma área destinada a tratamento somente de doença mental (ROCHA JUNIOR³, 2002). Compreendemos que, à medida que os trabalhadores desenvolvam ideias corretas a respeito da diversidade e amplitude do fazer psicológico, mais facilitada se torna a inserção e o desenvolvimento do trabalho deste profissional, como justifica sua própria formação acadêmica.

Ao pesquisar as Representações Sociais da loucura, Denise Jodelet (2015) encontra um duplo mecanismo de inclusão/exclusão dos doentes mentais. Mesmo quando existe um movimento de reinserção social desses pacientes, a exclusão acontece de alguma forma, porque a loucura ainda é vista com muito estigma e preconceito. E com certeza isso também se reflete nas Representações dos profissionais que prestam cuidados, como o psicólogo.

Portanto, o objetivo da pesquisa realizada para a construção deste artigo, foi conhecer quais as Representações Sociais da área da saúde pública de algumas cidades do litoral norte gaúcho sobre a Psicologia e suas funções enquanto ciência e

³ ROCHA JUNIOR, Armando. A Psicologia no Brasil: Histórico e Perspectivas Atuais. In: CARPIGIANI, Berenice (org). Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2002. 116p. 99-111.

profissão. Procuramos descobrir se esses locais do interior do litoral gaúcho ainda preservam a primeira ideia, de uma Psicologia curativa de doenças mentais, ou se já são capazes de articular conceitos mais compatíveis em relação à realidade do fazer da Psicologia, expandindo-as para os âmbitos de prevenção e promoção de saúde. Entender as Representações nos ajuda a ver de que formas a Psicologia pode ser mais eficiente na aproximação com as comunidades mais resistentes à ideia de prevenção.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já mencionado, o ponto central deste artigo é a questão das Representações Sociais da Psicologia para as pessoas relacionadas a esta área, além de entender quais funções e qual importância atribuem ao trabalho da Psicologia na manutenção do bem-estar e saúde das pessoas. Durante a pesquisa também objetivamos compreender o que eles entendem por saúde mental. Para encontrar as respostas a estes questionamentos, percorremos o seguinte caminho teórico, utilizando as contribuições sobre a teoria das Representações Sociais por Serge Moscovici, Denise Jodelet, Silvia Lane, Ana Bock e Pedrinho Guareschi.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais surgiu da sociologia de Emile Durkheim, inicialmente chamada de Representação Coletiva, no final do século XIX. O conceito é resgatado por Serge Moscovici em 1961, na obra *Psychanalyse: Son image et son public*, que justamente pesquisa a Representação Social da psicanálise, e de que forma essas Representações eram apropriadas pelas pessoas na França (FÉLIX et al, 2016). A teoria também recebeu influência de Saussure, Vigotsky e Piaget.

Moscovici nasceu em 1928, e tem origem judaica. Ao vivenciar a Segunda Guerra Mundial, começou a questionar as motivações das pessoas, em relação à fé e aos conhecimentos que possuem e baseiam sua vida, e a partir da busca por essas respostas iniciou a construção da sua teoria.

Por Representações Sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais: podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI⁴, 1981, p. 181, apud OLIVEIRA E WERBA, 2012, p. 106).

Após o resgate, diversos teóricos tentaram também defini-las, o que contribuiu para a diversidade de explicações para o surgimento e construção do fenômeno. Jodelet⁵, por exemplo, segue a linha de raciocínio de Moscovici, e por sua vez, também conceituou as Representações Sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (1989, p. 36 apud OLIVEIRA E WERBA, 2012, p. 106).

A Teoria das Representações Sociais, de Moscovici, sugere a análise de dois aspectos distintos na construção de uma RS:

Primeiro, cognitivamente, a representação social é relacionada ao sistema de valores, de noções e práticas que orientam as interações do indivíduo com seu meio social e material. Segundo, com uma comunidade, tomando por base as trocas, a história individual e coletiva e a forma que utiliza o conjunto das representações sociais que legitima para classificar, claramente, as partes de seu mundo. (PRYJMA, p. 28, 2011)

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici pode ser definida como conjunto de conhecimento construído e compartilhado por um grupo social e tem por finalidade principal tornar algo que, inicialmente é estranho, em algo familiar.

Segundo Marková (2017), estudiosos franceses creditaram juízo de valor aos pensamentos científicos e cotidianos, sendo o primeiro superior e crítico, caracterizando o saber do senso comum como inferior, e selvagem. Mas Moscovici não partilhava da mesma ideia: “Igualmente importante, o pensamento científico se

⁴MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. In: OLIVEIRA, Fátima Oliveira de. WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Côrrea. Psicologia Social Contemporânea. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 104-117.

⁵JODELET, Denise. Representationssociales: phenomenes, concept et theorie. In: OLIVEIRA, Fátima Oliveira de. WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Côrrea. Psicologia Social Contemporânea. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 104-117.

difunde no pensamento cotidiano. Como é notório, a ideia da transformação do pensamento científico em senso comum tem sido vital no desenvolvimento da teoria.” (MARKOVÁ, 2017, p. 362)

Silvia Lane (1993) diz que nas Representações Sociais dos sujeitos estão impressos seus valores e ideologia, aspectos indispensáveis para a compreensão do funcionamento social. Além disso, as RS caracterizam-se “como um comportamento observável e registrável, e como um produto, simultaneamente, individual e social, estabelecendo um forte elo conceitual entre a Psicologia social e a sociologia.” (LANE, 1993, p. 59).

Segundo Morera et al (2015, p. 1160),

A Representação Social é o reflexo das relações complexas, reais e imaginárias, objetivas e simbólicas que o sujeito mantém com o objeto. Essas relações fazem da representação um sistema simbólico organizado e estruturado, cuja função primordial é a apreensão e o controle da realidade, permitindo sua compreensão e interpretação.

Para Bock (1993), por meio das Representações Sociais é possível conhecer a consciência, já que são expressões de seu conteúdo. São o ponto de partida para a análise da consciência.

É preciso pensar ainda sobre a forma que essas “teorias do senso comum” são criadas. Parte-se da ideia de que existem dois tipos de pensamento distintos, mas que interagem entre si emprestando forma à realidade: Universos Consensuais e Universos Reificados. Nos Universos Consensuais se apresentam atividades e teorias do senso comum, que são construídas tendo como base o convívio social, suas trocas e interações, em resposta aos problemas cotidianos. Já aos Universos Reificados, pertencem os saberes científicos, produzidos com rigor metodológico. “Assim, através das ciências compreendemos o universo reificado; já as Representações Sociais se referem ao universo consensual e são criadas pelos processos de ancoragem e objetivação, circulando em nosso cotidiano.” (MORAES, et. al. 2014, p.26).

A partir dessas contribuições a respeito das duas formas de pensamento existentes, Moscovici propôs, mais tarde, outros dois conceitos, que foram acima citados: Objetivação e Ancoragem. O processo de objetivação se baseia em tornar

concreto algo até então abstrato, pois desconhecido. Moscovici cita a religião como exemplo nesse processo, quando chamamos o “Deus” de “Pai”, aliando o conceito a uma imagem já conhecida. (OLIVEIRA E WERBA, 2012, p. 109). Já a ancoragem é o processo pelo qual tentamos trazer esse novo conceito aos nossos, para torná-lo familiar, “ocorre à assimilação de imagens dadas pela objetivação, com a sedimentação de um registro simbólico” (MORAES, et. al. 2014, p.25)

Importante ressaltar que os processos de objetivação e ancoragem acontecem simultaneamente.

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI⁶, 2003 p.78 apud MORAES, et. al., 2014 p. 25)

De Rosa⁷ (1994, apud GUARESCHI, 2000; OLIVEIRA E WERBA, 2012), distingue três níveis de discussão e análise das Representações Sociais.

No primeiro nível, as Representações são um fenômeno, que é objeto de investigação da realidade social. Aqui, as RS são “modos de conhecimento que surgem e legitimam-se na conversação interpessoal [...]” (GUARESCHI, 2000, p. 35) e seu objetivo é conhecer e controlar a realidade. O segundo nível é o das Representações Sociais enquanto teoria. É o conjunto de definições e teorias referentes às Representações. E o terceiro, é o nível metateórico, e é onde acontecem as discussões, debates, críticas e comparações sobre a teoria.

Para investigar quais Representações Sociais existem em relação à Psicologia, torna-se fundamental entender parte da história da mesma, os caminhos

⁶ MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigação em psicologia social. In: MORAES, Patrícia Regina de. et. al. A teoria das Representações Sociais. Revista Eletrônica Unisepe, 2014.

⁷ DE ROSA, Annamaria S. From theory on metatheory in social representations: the line of argument of a theoretical. In: OLIVEIRA, Fátima Oliveira de. WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações Sociais.

DE ROSA, Annamaria S. From theory on metatheory in social representations: the line of argument of a theoretical. In: GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais e ideologia. Revista de Ciências Humanas, 2000.

trilhados por ela e entender quais podem ser os motivos que resultam em tais Representações.

CAMINHANDO PELA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Raízes Filosóficas

A origem do termo Psicologia é grega: *psyqué* significa sopro de vida, alma, e *logos* significa ciência, estudo. Logo, Psicologia significa estudo da alma (FREIRE, 2014).

A grande maioria dos autores que escrevem sobre a história e criação da Psicologia citam a filosofia como a primeira a pensar sobre a mente humana, em meio à necessidade que tinham em compreender a própria existência. Cientistas da área da biologia, fisiologia, e demais ciências afins também são responsáveis por uma imensa contribuição na construção da Psicologia (FIGUEIREDO e SANTI, 2002).

A contribuição da filosofia é realmente bastante importante, e questões levantadas por ela permanecem dividindo opiniões. Um exemplo é a problemática interação mente-corpo, onde vários filósofos se classificaram como dualistas ou interacionistas, pressupostos que se mantêm nas diferentes teorias psicológicas.

Para Platão, um dos mais importantes filósofos da Grécia Antiga, o homem é um ser dualista composto de mente e corpo, atribuindo caráter valorativo a essas duas instâncias. A mente era considerada por ele como bela e superior, e o corpo representaria uma parte inferior do homem. Para ele, a ligação entre essas duas instâncias, corpo e mente, se daria por intermédio da medula espinhal (FREIRE, 2014).

A tendência de supervalorizar o intelectual e desvalorizar o que é material trouxe repercussões muito sérias para toda a sociedade ocidental. Criou-se uma mentalidade intelectualista, aristocrática, onde as letras, as artes, a filosofia e todo trabalho que só ocupasse a mente seria nobre, valorizado, e portanto, símbolo de cultura, inteligência e finesse. Em contraposição, o trabalho com a matéria, aquele que se utiliza com as mãos, é desvalorizado e símbolo da classe inferior. Nessa época ainda não tinham resolvido o problema da interação corpo x alma, daí a visão fragmentada da ação humana. Era como se

as mãos trabalhassem independentes e sem interferência da mente, uma conseqüência da visão dualista do homem. Não o viam como um todo unificado, mas como um ser formado de duas partes distintas: corpo e alma. (Ibidem, 2014, p. 35)

Contrário a essa posição estava Aristóteles. Ele que inicialmente era discípulo de Platão, veio a ultrapassar essa visão dualista de ser humano, sendo para ele, corpo e mente indissociáveis. Acreditava que ao nascer, as crianças seriam como uma tábula rasa, sem qualquer tipo de conhecimento inato, já que não existe conhecimento que não tenha passado pelos sentidos. (Ibidem, 2014, p. 37).

Durante a Idade Média, toda construção de saber era controlada pela Igreja Católica, resultando em um atraso considerável nesse sentido. Só com a chegada do Renascimento, no final do século XIV, é que essa realidade foi transformada, sendo considerado um marco na história da construção científica. Desgarrada dos limites impostos pelo catolicismo, a biologia como ciência, com as descobertas da anatomia e fisiologia, se desenvolveu de forma a contribuir mais tarde com a construção da Psicologia.

É com René Descartes que a Psicologia inicia sua fase pré-científica de fato. Para ele, qualquer verdade deve ser questionada, sendo a dúvida o “ponto de partida de toda sua argumentação e raciocínio” (Ibidem, 2014, p. 57). Esse modo de pensar foi usado como método de estudo, chamado dúvida metódica. Ele também acreditava que o ser humano era dividido entre corpo e mente, mas que a mente, através dos sentimentos e emoções teria poder de influenciar o corpo, sendo a ligação através da glândula pineal.

O pensamento cartesiano aponta para uma visão dividida do homem. Na verdade, ele apresentou algo novo, pois, até então, entendia-se que o corpo inferia na existência da alma e de Deus. Descartes dizia que era possível duvidar do corpo e do mundo, mas não se poderia, em hipótese alguma, duvidar do pensamento. Nada, força nenhuma poderia impedir que o sujeito existisse, enquanto fosse capaz de pensar. (CARPIGIANI, 2002, p. 35).

Medicina e Clínica Psicológica

Segundo Carpigiani (2002 p. 31), “a medicina na Antiguidade é descrita a partir de uma visão do homem em relação com a natureza”. Ela cita Hipócrates como um dos primeiros a associar as doenças, tanto físicas como mentais, a causas naturais, e negou que as enfermidades recebiam intervenção de deuses ou demônios, pensamento predominante até então. Ainda segundo a mesma autora, Galeno compartilhava da mesma preocupação que Hipócrates, e desenvolveu pesquisas sobre a anatomia do sistema nervoso humano, tendo uma posição bastante científica em relação às doenças.

No entanto, durante a Idade Média, essas contribuições se perderam e a medicina voltou a ser relacionada com os mitos e superstições, “[...] propiciando um retorno à demonologia. O homem era visto como um local onde demônios e espíritos batalhavam pelo domínio da alma” (ibdem, 2014, p. 33). A doença mental aparece neste período com demais intensidade do que nos períodos anteriores, e nessa época ocorriam o que a autora chamou de “loucuras coletivas”, além das epidemias que eram consequência da miséria e fome nos séculos XV e XVI.

Ao longo da Idade Média foi construída toda uma cosmologia baseada, principalmente, na existência e atuação do demônio, sendo a loucura concebida sob a égide dessa demonologia. O único pensamento verdadeiro e concebível era proveniente de Deus, sendo todas as outras formas de conhecimento consideradas como obras do demônio. Essa retomada intensa da doutrina demonista impõe para a perda da razão e para o descontrole emocional a marca da condenação. O louco, juntamente com outras minorias, passa a ser suspeito, evitado, perigoso e temido. Passa a ser compreendido como a representação do próprio demônio. Essa intensa doutrina demonista impõe para a perda da razão e para o descontrole emocional a marca da condenação. O louco, juntamente com outras minorias, passa a ser suspeito, evitado, perigoso e temido (CAMPOS, 2013, p. 28).

As técnicas de tratamento recebidas por estes doentes eram baseadas em torturas, “a fim de tornar o corpo um lugar tão desagradável que nenhum diabo

respeitável continuaria nele existir” (COLEMAN⁸, 1973, p. 42 apud CAPIGIANI, 2002, p. 33-34).

No período do Renascimento, a medicina ainda se deparava com alguns impasses em relação à busca por tratamento mais humanitário, mas dedicou-se muito mais do que nos períodos anteriores a busca por conhecimento científico, voltando-se para pesquisas fisiológicas (CARPIGIANI, 2002).

A verdade é que as pesquisas facilitavam, em certa medida, que a demonologia característica da Idade Média pudesse ser revista, permitindo que os mosteiros e as prisões que recolhiam os doentes, especialmente os mentais, começassem a distribuí-los em asilos. Ainda assim, o doente, em todas as partes do mundo, vivia sua institucionalização em condições deploráveis (CARPIGIANI, 2002, p. 40).

A mesma autora ainda refere que nos séculos seguintes, hospitais foram criados em subúrbios das cidades na Europa, e todos utilizavam métodos de tratamento semelhantes, que consistiam em camisas de força, confinamento, purgações, imersões em água, correntes e demais técnicas bastante desumanas. “Somente com o desenvolvimento da moderna ciência experimental foi possível a lenta humanização e aplicação de técnicas científicas nos tratamentos [...]” (2002, p. 41).

Pode se considerar que ainda hoje se luta pela humanização nas relações com os pacientes. Além disso, pode-se afirmar que os profissionais da saúde em geral já têm uma visão mais globalizada do paciente, e reconhecem a importância de entender o sujeito como um todo no momento do atendimento. Mas nem sempre foi assim.

A Psicologia se deteve por muito tempo ao modelo biológico, onde as pessoas têm de se ajustar da melhor maneira para sobreviver ao ambiente que estão expostas, mas não considerava a dimensão histórica e social da vida desse sujeito. É a partir das contribuições de Freud com o surgimento da psicanálise que o olhar passa a se voltar não só sobre o fenômeno, mas também sobre a escuta do sujeito. “Assim, a prática clínica psicológica passa a vincular-se a uma demanda do

⁸ COLEMAN, John C. A psicologia anormal e a vida contemporânea. In: CAPIGIANI, Berenice. Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2002. 116p.

sujeito, e não necessariamente a uma patologia, como no modelo médico” (MOREIRA, ROMAGNOLI e NEVES, 2007, p. 613).

Psicologia enquanto Ciência

A Psicologia alcançou status de ciência quando se independizou da filosofia, da fisiologia e da neurologia, passando então a definir seu objeto e delimitar seu campo de estudo, formulando métodos de estudo deste objeto, além da construção das teorias.

Segundo Freire (2014), Wilhelm Wundt se tornou o pai da Psicologia científica com a criação do primeiro laboratório de Psicologia experimental, em Leipzig, em 1879, além da publicação do livro “Elementos da Psicologia Fisiológica”, em 1864.

É claro que o processo de criar uma nova ciência é muito complexo: é preciso mostrar que ela tem um objeto próprio e métodos adequados ao estudo desse objeto, que ela é, enfim, capaz de firmar-se como uma ciência independente as outras áreas do saber (FIGUEIREDO e SANTI, 2002).

Segundo Freire, no livro ele “[...] reúne, num tronco, as raízes ou tendências científicas e filosóficas da Psicologia, que haviam surgido até então” (2014, p. 92), e ainda, normatiza a Psicologia: classifica os elementos da vida mental, determina o objeto, estrutura os métodos de estudo. Com isso, a Psicologia deixa de ser o estudo da alma e se converte no estudo da consciência. Agora, a Psicologia já tinha características suficientes para ser uma ciência independente, e a criação do laboratório experimental veio para complementar e comprovar o que havia afirmado no livro.

Para Wundt, o objeto de estudo da Psicologia “[...] era a experiência em si, que acontece antes da reflexão (denominada experiência imediata), livre de qualquer interpretação na qual ele incluía sensações, percepções, sentimentos e emoções.” (CARPIGANI, 2002, p. 46). Os métodos de estudo sugeridos por ele eram a experimentação e a introspecção.

O laboratório de Wundt foi palco de diversas experiências. Dessas, as inerentes ao interesse pelo conhecimento, e

portanto, pelo estudo das sensações (unidades de consciência) e da percepção dominaram o cenário. Procedeu-se, nele, à medida e classificação das sensações no seu aspecto visual, tátil, olfativo e cinestésico. Mediu-se, igualmente, a sua intensidade, duração e extensão. Pesquisaram-se os sentimentos, a vontade e a emoção, registrando-se as variações físicas como, por exemplo, alteração da respiração, da pulsação, etc. Também foram analisadas as variações físicas resultantes da aplicação de estímulos do domínio do agradável-desagradável, do tenso-distendido, do excitado e do deprimido. A atenção foi outro ponto, alvo de interesse. [...]. (FREIRE, 2014, p. 95).

A partir disto, da Psicologia já lançada como ciência e estruturada, surgiram outras ideias, que se tornaram outras vertentes e se transformaram em escolas.

Uma delas é o behaviorismo⁹, que tem como principal base o controle do comportamento. A escola nasceu nos Estados Unidos com John B. Watson, que realizou estudos com animais e, para isso, utilizou métodos parecidos com os das ciências físicas. Para ele,

[...] O homem seria uma espécie de animal entre os outros. As suas reações poderiam ser estudadas como qualquer outro fato da natureza e, portanto, da mesma forma como os animais são estudados. Em consequência, o estudo da mente e da consciência, como extranatural, deveria ser totalmente abolido, condição necessária para que a Psicologia fosse uma ciência. A Psicologia científica assemelha-se, pois, as ciências naturais que são mecanicistas, materialistas, deterministas e objetivas. (FREIRE, 2014, p. 108).

Watson também postulava que o comportamento e a personalidade não são inatos, e sim construídos de acordo com os estímulos recebidos. Temos aqui então, uma escola psicológica capaz de moldar comportamentos, e a partir disso, também prevê-los.

Falaremos também sobre o funcionalismo. Segundo Carpigiani (2002 p. 52), “[...] a atividade mental era o objeto de estudo para o psicólogo funcionalista [...]”, e a autora considera Willian James o principal funcionalista. Utiliza como método de estudo a introspecção e a observação, e pretendeu compreender tanto a consciência como o comportamento.

⁹ “Behavior” quer dizer comportamento, por isso, a escola passa a ser conhecida também como comportamentalismo.

Estudioso da personalidade, James pesquisou casos de personalidades múltiplas, dissociações, processos intelectuais, instinto, emoção, hábito, atenção e em cada estudo foi apontado para a força do aprendizado. Seu livro *The principles of psychology* tratou definitivamente a Psicologia como ciência natural. Com ênfase na Biologia, ele buscou entender os processos mentais como atividades necessárias para os seres vivos, dotados de emoção e ação assim como de conhecimento e razão, sem se esquecer do lado irracional que habita o homem, explicando que a mente funciona de forma contínua, seletiva, e que sua função básica é a adaptação do homem ao seu meio, capacitando-o a fazer escolhas. [CARPIGIANI, 2002. p. 52).

Consideramos importante também, neste contexto, discorrer sobre a psicanálise de Freud. A data de nascimento da psicanálise é a mesma do lançamento do livro “Estudos sobre a histeria”, escrito junto com Breuer em 1895.

Freud inicia a psicanálise com o uso da hipnose, mas a abandona. Acredita que o paciente não precisa deste método para se lembrar do conteúdo esquecido pelo mecanismo do recalque. Inicia então um método novo, baseado na conversação, que passa pela interpretação do analista, surgindo aí o conhecido método da livre associação. Neste método, o paciente fala tudo o que lhe vem à mente, sem descartar qualquer conteúdo que julgue insignificante, ou seja, o paciente acessa o conteúdo recalado.

Freud identifica esses recalques e repressões como sendo de natureza sexual, cuja realização ou satisfação teria sido reprimida ou proibida. Uma vez no inconsciente, eles não desaparecem e se manifestam através de sintomas neuróticos, que, no seu entender, eram substituições simbólicas daqueles desejos inconscientes. Assim, através da associação livre, o paciente chegaria ao inconsciente, buscaria as causas dos sintomas que, uma vez identificadas, perderiam a sua potência, e com isso, tirariam a base de sustentação das neuroses, que, então, desapareceriam. (FREIRE, 2014, p. 123).

Outras contribuições importantes da psicanálise e de Freud para a Psicologia em geral é a interpretação que dá aos sonhos, a importância que ressalta na fase da infância para a formação de personalidade e caráter das pessoas, além de ter descoberto a relação transferencial entre paciente – terapeuta. (op.cit, 2014).

Só depois dessas contribuições de Freud que o olhar da Psicologia passa a se voltar não só sobre o fenômeno mental, mas também sobre a escuta do sujeito. (MOREIRA, ROMAGNOLI e NEVES, 2007).

Como pudemos ver, a Psicologia percorreu uma longa trajetória que se inicia com o misticismo, passa pela filosofia e religião até atingir o status de ciência. Mas a partir da pós-modernidade, com todas as dissolvências conceituais, parece que a Psicologia científica também entrou em uma espiral de avanços e retrocessos na sua técnica, nos levando a buscar compreender quais Representações Sociais emergiram dessa dinâmica.

MÉTODO

A natureza da pesquisa impôs a adoção dos preceitos metodológicos qualitativos. Esse tipo de pesquisa não apresenta resultados quantitativos e/ou numéricos, mas se preocupa em compreender determinada característica de um grupo social, em entender o porquê de determinada situação. Preocupa-se, portanto, em entender aspectos da realidade, compreendendo a dinâmica das relações sociais. Por este motivo optamos pelo delineamento de Estudo de Caso e coleta de dados em Grupos Focais.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2015, p. 21).

Um estudo de Caso é apropriado quando o pesquisador deseja aprofundar a pesquisa sobre algum fato, fenômeno, pessoa, entidade, etc. Tem por objetivo conhecer como e por que de uma situação considerada única por alguns motivos.

A intencionalidade de investigar uma realidade, situada no aqui e agora das interações sociais, torna preferencial o estudo de caso para a pesquisa de práticas e comportamentos. A finalidade é a

compreensão integral, descritiva e interpretativa, estruturante e polissêmica, do objeto de estudo, numa perspectiva de desocultação e descoberta. (COIMBRA & MARTINS, 2013, p. 32)

A técnica de Grupo Focal consiste em uma forma de coleta de dados muito utilizado em pesquisas de caráter qualitativo, e tem como objetivo apreender quais opiniões os integrantes do grupo possuem sobre determinado assunto ou objeto.

Segundo Backes et al (2011), o Grupo Focal é uma entrevista em grupo onde a interação entre os participantes se torna parte do método, já que assim possibilita aos integrantes a exploração do seu próprio ponto de vista a partir das reflexões sobre determinado assunto abordado pelo entrevistador, e com as contribuições e questionamentos dos demais. “Desse modo, o Grupo Focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando as dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados.” (Ibidem, 2011, p. 439).

Segundo Busanello et al (2013, p. 359) “[...] essa técnica permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais e entender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes [...]”.

Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo (AC). Segundo Godoy¹⁰ (1995, apud Câmara, 2013, p.182), essa técnica pode se aplicar em diversos discursos, e o pesquisador busca compreender o que pode estar por trás dos fragmentos de mensagens selecionados. “O esforço do analista é então duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira.”

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

¹⁰ Godoy, A. S. (1995b). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, 35(4), 65-71.

Para a obtenção dos dados, foram realizados três Grupos Focais com 19 profissionais da saúde pública de três cidades do litoral norte, além de um grupo de especialistas¹¹ com estudantes de Psicologia de uma universidade local.

Os Grupos Focais foram realizados com a mesma dinâmica. Apresentação, explicação dos objetivos da pesquisa e a importância da autenticidade na discussão, gravação da entrevista e posterior degravação. Os grupos foram realizados dentro das condições de privacidade, sigilo e autorização dos participantes.

A análise dos dados foi realizada em etapas. Inicialmente foi feita a transcrição das entrevistas. A seguir, foi efetivada a análise e levantamento de categorias de cada grupo. Encontramos várias categorias, porém, elencamos as mais relevantes: Mágico, Neutro, Ajuda e Espelho. Trabalharemos com cada uma delas adiante.

CATEGORIAS

A neutralidade surge imediatamente como uma categoria comum nos grupos, como uma característica bastante desejável para a profissão, conforme aparece na seguinte fala: “Até porque o psicólogo vai nos ajudar de uma forma, já que está totalmente fora da nossa realidade. O amigo tem aquele peso de saber o que tu é, de te conhecer, e eu acredito que isso faça bastante diferença. Já o psicólogo vai te olhar naquele momento isolado e ajudar a analisar a situação, olhar de fora e ajudar, acredito que olhando de fora do problema ajuda bastante” (número 1, grupo focal 2).

Freud postulou a neutralidade como uma característica essencial ao analista, onde o mesmo deve estar disponível para o analisando e suas concepções de mundo, sem se voltar para seus próprios valores e crenças. (ZIMERMAN, 2008, p. 79). Freud (1968, p. 79) usa a metáfora do espelho para explicar a neutralidade: “o médico deve ser opaco aos seus pacientes, e como um espelho, não lhes mostrar nada, exceto o que lhes é mostrado.”

A categoria espelho aparece como uma condição favorável ao profissional da Psicologia, uma possibilidade de liberdade de escolha e de descoberta, como pode se observar na seguinte fala: “O papel dele é nos fazer enxergar qual é o nosso

¹¹Consideramos especialistas os alunos do curso de Psicologia já que os mesmos têm ou deveriam ter Representações Sociais da Psicologia semelhantes à realidade.

papel em todos os ambientes: na casa, no trabalho, na sociedade. Às vezes a gente tá perdido nesse ambiente e nem sabe onde se encontra. O papel dele é nos fazer refletir onde a gente se encontra nesse meio. O papel dele é fazer a gente se entender e se achar” (número 5, grupo focal 2).

Neste ponto podemos observar a ligação entre as categorias Neutralidade e Espelho, como se fossem dois lados de um mesmo saber. Mas a primeira categoria seria representante do Universo Reificado, porque se alinha a um conceito psicanalítico postulado por Freud. Já a categoria Espelho representaria o Universo Consensual, pois é uma explicação produzida para e pelo senso comum.

A Ajuda aparece como uma categoria bastante relevante porque está muito presente na fala dos sujeitos, como no exemplo a seguir: “É um profissional que ajuda tanto nós profissionais quanto os pacientes, a se ver como sujeito no mundo, importante. É alguém que te ajuda a te ver como um ser que tem medos mas que consegue enfrentar esses medos, faz com que a gente se sinta mais seguro. Grotescamente falando, ele vai te ajudar a te enxergar, com limitações mas com qualidades também, vai te ajudar a te empoderar” (número 2, grupo focal 2).

Esta também pode se relacionar com a próxima categoria, no sentido de que essa ajuda surge como em um passe de mágica, com extrema facilidade, mas que é exclusiva deste profissional.

Por fim, a categoria Mágico traz a representação que merece uma análise mais demorada. Os participantes dos grupos atribuíam características mágicas ao profissional e à profissão como podemos observar nas seguintes falas: “Vamos salvar essa criança porque a única coisa que salva é o psicólogo” (número 3, grupo focal 1), e “Meu ponto de vista do psicólogo hoje dentro da área da saúde ou em qualquer outra área, tá sendo o elo de ligação pra desvendar problemas, achar soluções. O psicólogo tem uma forma cativante, que ele estudou pra chegar até o ponto de desvendar o que ele (o paciente) tá sentindo, o que está pensando” (número 6, grupo focal 3).

A representação de magia relacionada à Psicologia remete a uma fase da pré-história da mesma. Peter Lamont em seu livro *Crenças Extraordinárias* (2017), aborda essa questão e, segundo ele, o conhecimento psicológico é criado por necessidade de explicação de certos fenômenos que não são observáveis diretamente. Esses fenômenos já foram explicados anteriormente pelo

extraordinário, mas em algum momento essa explicação se tornou obsoleta.

No decorrer da história, não foram raras as vezes em que fenômenos fora do comum ou considerados paranormais aconteceram, e era natural que as pessoas, sobretudo as mais céticas, buscassem a explicação mais lógica possível antes de creditar o extraordinário pelo feito. Mas, também não foram raras as vezes em que essa explicação não pôde ser encontrada e então elas precisavam acreditar em algo que desse conta de tal evento. “Em outras palavras, crença em alguma coisa extraordinária depende da exclusão de explicações ordinárias” (LAMONT, 2017, p. 19).

Esses fenômenos, por diversas vezes, foram psicológicos. A sintomatologia de psicopatologias, por exemplo, foi associada à bruxaria, a feitiçaria, porque naquele momento não foi possível alcançar uma explicação deste nível.

Porém, com o curso normal da evolução e a partir das descobertas científicas, foi possível observar o início de novas explicações pra antigos fenômenos.

Quando voltamos para o período com o qual estamos envolvidos, começando no início do século XIX, vemos um contexto diferente de plausibilidade, dentro do qual diferentes suposições e distinções foram feitas em relação ao extraordinário. Crenças em bruxaria, outrora comuns, eram agora raras, exceto em certas regiões rurais. Para os bem informados e esclarecidos, já havia teorias sobre alucinações que permitiam que se acreditasse em experiências com fantasmas, se não nos próprios fantasmas. (LAMONT, 2017, p. 31).

Existem dois pontos que devem ser levados em consideração aqui. O primeiro diz respeito ao lugar onde a pesquisa foi realizada. São cidades pequenas, consideradas interior ou rurais. A citação acima sugere que lugares como este tendem a ter ideias mais primitivas ou demorar mais para conceber pensamentos mais condizentes com a realidade do que outros considerados maiores ou mais desenvolvidos. Esta pode ser uma explicação para a descoberta dessa categoria neste espaço.

O outro ponto se refere ao retrocesso que estamos observando no cenário atual do país. Tendências conservadoras dominam discursos políticos e manifestações em redes sociais. Esse fenômeno pode ser explicado pela apreensão

da população em relação a um futuro tão incerto e ameaçador, causado pela instabilidade política, financeira e social, que a lembrança do passado se torna um refúgio.

Quando chegamos a essa conclusão e voltamos também o nosso pensamento para o passado, podemos enxergar alguns momentos e eventos que podem corroborar com essa associação da Psicologia com a magia.

Neste passado podemos encontrar Freud utilizando-se da hipnose para o tratamento analítico. A hipnose é e sempre foi muito associada a espetáculos de mágica, além do fato de mágicos e ilusionistas em geral sempre utilizarem conhecimentos psicológicos nos seus truques.

No Brasil em especial, também podemos pensar em toda a história da saúde mental, passando pelo movimento da reforma psiquiátrica. Por muito tempo a loucura foi estigmatizada, existia toda uma crença que relacionava doença mental com a bruxaria, demonologia, misticismo e etc, como já foi descrito anteriormente.

Enfim, podemos dizer que a categoria Mágico é ao mesmo tempo velha e nova, pensando na pré-história da Psicologia, suas práticas baseadas no misticismo e na Psicologia contemporânea, novamente associada a poderes mágicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste processo foi descobrir quais Representações Sociais as pessoas ligadas à área da saúde no litoral norte do Rio Grande do Sul tinham sobre a Psicologia. Afinal, considerávamos que essa descoberta auxiliaria os profissionais na sua prática diária dentro de instituições públicas de saúde.

Porém, os resultados nos levaram além. Depois de uma pesquisa bibliográfica e de campo conseguimos compreender toda uma questão histórica social e suas consequências. As categorias que encontramos, Neutralidade, Espelho, Ajuda e, sobretudo, Mágico, nos permitiram ver que o cenário político e social atual do país se reflete também na percepção que as pessoas têm da Psicologia, e como essa percepção é suscetível a alterações.

Por isso conseguimos compreender que este retorno no tempo pode também estar relacionado com o surgimento de uma categoria representante de uma era anterior à Psicologia científica, afinal, se o passado é melhor e mais seguro que o

presente há o movimento de voltar para ele. Deste modo podemos entender como o pensamento primitivo que associa Psicologia a magia e ao extraordinário vem à tona. Também podemos ver que embora se trate de um Estudo de Caso, com sua delimitação geográfica, vemos surgir uma representação que encontra eco na realidade e no momento histórico do país.

A partir de toda essa construção, pudemos observar ainda mais uma contribuição (ou uma consequência) para a existência dessa categoria. O uso de terapias alternativas, denominadas de práticas integrativas nunca foi tão utilizado como agora, e pela primeira vez estão se inserindo no Sistema Único de Saúde. Podemos nos questionar sobre o porquê de justamente neste momento de desmonte do SUS, essas práticas são aceitas na saúde Pública. A resposta pode estar na seguinte direção: Enquanto nos hipnotizam com soluções mágicas, destroçam direitos conquistados a altos custos humanos e políticos. No momento em que concluímos este artigo, temos a publicação da Medida Provisória 839, que no ANEXO II, cancela R\$ 159.991.108 milhões de reais em investimentos no Fundo Nacional de Saúde (Brasil, 2018).

Mais uma vez vemos que, em tempos de instabilidade política as soluções mágicas e rápidas são recursos muito utilizados como meios de manipulação e que podem acarretar graves prejuízos na saúde das pessoas.

Por fim, salientamos o caráter particular e reinterpretaivo, no sentido de Thompson (2011), das conclusões da pesquisa, como possibilidades de reflexão, que podem e devem ser ampliadas em outras investigações que a Psicologia, como ciência e profissão, instiga a produzir.

REFERÊNCIAS

BACKES, Dirce Stein et al. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. São Camilo, 2011. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf. Acesso em 29 out. 2016, 13:58:18.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Eu caçador de mim: pensando a profissão do psicólogo. In: SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. 318p. 281 – 291.

BRASIL. **Medida provisória nº 839, de 30 de maio de 2018**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Mpv/mpv839.htm. Acesso em 19 jun 2018, 20:36:29.

BUSANELLO, Josefina et al. Grupo Focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**, 2013. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/32586/20702>. Acesso em 29 out. 2016, 12:24:22.

CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas as organizações**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2013. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/viewFile/306/284>. Acesso em 10 nov. 2016, 16:19:20.

CAMPOS, Thiago Petra da Motta. Loucura Concreta e Loucura Rústica: ensaio sobre a imagem do diferente a contemporaneidade. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. Florianópolis, v. 25, 2013, p. 26-43. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/2382/2927>. Acesso em 17 jun 2018, 15:52:14.

CARPIGIANI, Berenice (org). **Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2002. 116p. 99-111

COIMBRA, Maria de Nazaré Castro Trigo; MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira. O estudo de caso como abordagem metodológica no ensino superior. **Nuances, estudos sobre educação**. Presidente Prudente, v. 24, 2013. p. 31-46. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2696/2360>. Acesso em 17 jun 2018, 14:45:55.

FÉLIX, Lívia Botelho et. al. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**. Rio de Janeiro, v. 5, 2016, p. 198-217. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/20417/19733>. Acesso em 17 jun 2018, 15:31:45.

FIGUEIREDO, Luíz Claudio. SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia uma (nova) introdução**. 2. ed. São Paulo: Educ, 2002. 98p.

FREIRE, Izabel Ribeiro. **Raízes da Psicologia**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 144 p

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. Obras Completas, V. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1968.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Representações sociais e ideologia**. Revista de Ciências Humanas, 2000.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 392p.

LAMONT, Peter. **Crenças Extraordinárias**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 446p.

LANE, Sílvia Tatiane Maurer. Usos e Abusos das Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano**: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. 318p. 58-72.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da Teoria das Representações Sociais. **Cadernos de Pesquisa**. v.47, n.163, p. 358-375, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n163/1980-5314-cp-47-163-00358.pdf>. Acesso em 18 jun 2018, 23:48:52.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORAES, Patrícia Regina de. et al. A teoria das Representações Sociais. **Revista Eletrônica Unisepe**, 2014. Disponível em: http://www.unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2014/teoria_representacoes.pdf. Acesso em: 11 out. 2016,18:19:16.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. NEVES, Edwiges de Oliveira. O Surgimento da Clínica Psicológica: Da Prática Curativa aos Dispositivos de Promoção da Saúde. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n4/v27n4a04.pdf>. Acesso em 21 nov 2016, 16:50:50.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca et al . ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. **Texto contexto – enfermagem**, 2015. Florianópolis , v. 24, n. 4, p. 1157-1165. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000401157&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 jun 2018, 20:35:20.

OLIVEIRA, Fátima Oliveira de. WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Côrrea. **Psicologia Social Contemporânea**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 104-117.

PRYJMA, Leila Cleuri. **Leitura**: representações sociais de professores de uma rede municipal de ensino. Universidade Estadual de Londrina, 2011. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_PRYJMA_Leila_Cleuri.pdf . Acesso em 04 nov. 2016 16:31:25.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ZIMERMANN, Davi E. **Manual de Técnica Psicanalítica**: uma re-visão. 1º ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.